

"O FAUSTO" DE GOETHE EM PORTUGAL

Poesia — Música — Pintura

A Canção do Rei de Thule

Entremos, risinhos e alegres, no templo maravilhoso da Arte e saboreemos as delicias da Poesia, da Musica e da Pintura, no que elas tem de mais belo, de mais fino e requintado. Nem tudo é matéria neste mundo; o Espirito, contudo, domina-nos, prende-nos irresistivelmente, arrebatando-nos para um mundo ideal..., consolando-nos de tanta miséria que nos cerca e que escravisa o Sancho Pança e de que se liberta o D. Quixote, dualidade que simboliza tendencias diferentes, antagónicas, caracterizando a natureza do Homem.

Os grandes monumentos da Literatura, como a «Divina Comédia» de Dante, o «Hamlet» de Sakespeare, o «D. Juan» de Byron, o «Fausto» de Goethe, oferecem mil perspectivas brilhantes, abrem horizontes novos para toda a Humanidade, encerram um conjunto de cousas significativas, correspondendo a variados ramos de actividade humana. Assim da tragédia prodigiosa de Goethe pode-se extrair uma Filosofia, uma Teologia, rico material para diferentes ramos da Sciencia, como ela pode fornecer também excelentes motivos emocionais á Musica, á Pintura...

Vamos agora tratar da letra e da musica da *Canção do Rei de Thule*, uma das peças primorosas do «Fausto» de Goethe, vertida por três dos maiores poetas da nossa lingua, como Antonio Feliciano de Castilho, Antero de Quental e Eugenio de Castro. Este ultimo, conhecendo melhor a lingua alemã, conseguiu traduzir com mais fidelidade. Todas estas versões são igualmente primorosas, produzindo cada uma delas no nosso espirito uma bela impressão, derivada do talento poetico de cada um dos seus autores, que assim contribuíram para enriquecer o patrimonio da Literatura Portuguesa.

Como actualmente em Portugal, a lingua alemã é largamente cultivada, o que não sucedia há 50 anos atrás, quando apareceram as primeiras traduções do «Fausto», vejamos a celebre balada no original. Ei-lo:

Der König in Thule

Es war ein König in Thule
Gar treu bis an das Grab,
Dem sterbend seine Buhle
Einen goldnen Becher gab.

Es ging ihm nichts darüber,
Er leter' ihn jeden Schmaus;
Die Augen gingen ihm über,
So oft er trank daraus.

Und als er kam zu sterben,
Zählt' er seine Städt' im Reich,
Gönnt' alles seinem Erben,
Den Becher nicht zugleich.

Er sass beim Königsmahle,
Die Ritter um hin her,
Auf hohem Vatersaale
Dort auf dem Shloss am Meer.

Dort stand der alte Zecher,
Trank letzte Lebensgluth,
Und warf den heil'gen Becher
Hinunter in die Fluth.

Er sah ihn stürzen, trinken
Und sinken tief in's Meer.
Die Augen thäten ihm sinken;
Trank nie einen Tropfen mehr.

Aqui está o original. Quem souber bem os segredos da lingua de Goethe e conhecer a fundo as regras da poetica alemã, tão original, tão opulenta e curiosa, apreciará melhor as belezas da celebre canção.

Vejamos agora a sua tradução em português feita pelo sr. dr. Eugenio de Castro, verso por verso retratando assim tanto a forma como o sentido. São seis quadras no original e o auctor dos «Oaristos» dá-nos, na sua versão, seis quadras também. Castilho, «o mais acabado feiti-ceiro de rimas e dos ritmos lusitanos», no belo e expressivo dizer do poeta Eugenio de Castro, deu-nos a *Canção do Rei de Thule* em oito quadras e Antero fê-lo em nove, que o leitor irá successivamente apreciando:

O Rei de Thule

Em Thule um rei houve outr'ora
Fiel até que morreu;
A amante, na extrema hora,
Doirada copa lhe deu.

Nos festins a esvasiava
E a tudo mais a pref'ria;
Sua vista se turvava,
Sempre que n'ella bebia.

No momento derradeiro
Conta as cidades da c'roa,
E, excepto a copa, ao herdeiro
Todas as riquezas dôa.

Foi n'um banquete de gala:
Que aos seus fidalgos quiz dar
Na ancestral, na vasta sala
Do castello á beira-mar.

Bebida a final golada,
Então o velho borracho
Atira a copa sagrada
Para as ondas, lá p'ra baixo.

Vê-a cair. Vê-a cheia
Descer nas aguas fataes.
A vista se lhe mareia...,
E não bebeu nunca mais.

(*Poesias de Goethe*, traduzidas do allemão,
por Eugenio de Castro — Lisboa, 1909).

Aí vai a versão parafrastica de Castilho e
corresponde a uma das scenas mais encantado-
ras do «Fausto», em que figura a Margarida:

Canção do Rei de Thule

(Começa a despir-se cantando)

Reinava em Thule, algum dia,
um bom Rei, tão fino amante,
que até morrer foi constante
á dama com quem vivia.

A' hora do passamento
deixou-lhe ella um vaso d'oiro,
que foi do Real thesoiro
o mais fallado ornamento.

Punham-lh'o sempre na mesa;
só por aquelle bebia;
e o chôro que então vertia
causava a todos tristeza.

Vendo o seu termo chegado,
repartiu pelos herdeiros
os bens, té aos derradeiros,
excepto o vaso adorado.

Foi isto em jantar de maguas
que El-Rei deu á fidalguia.
em torre herdada que havia
ao rés das marinhas aguas.

Como El-Rei houve bebido
o seu ultimo conforto,
co'o braço já quasi morto
levanta o vaso querido,

e por não deixal-o ao mundo,
da janella ao mar o atira.
Ondeia o vaso, revira.
enche-se, e desce ao profundo.

No mesmo triste momento
em que o vaso se abismava,
o Rei seus olhos cerrava,
soltando o ultimo alento.

(Castilho — Teatro de Goethe — *Fausto*
Pag. 243, 2.^a ed., 1920).

Vejamos agora a versão de Anthero, que é
anterior ás duas:

A Canção do Rei de Thul

Era uma vez um bom rei
Em Thul, nessa ilha distante.
Ao morrer, deixou-lhe a amante
Um copo de ouro de lei.

Era um copo de ouro fino
Todo lavrado a primor.
Se fôsse o calix divino
Não lhe tinha mais amor.

Seus tristes olhos leaes
Não tinham outra alegria:
E só por elle bebia
Nos seus banquetes reaes.

Chegada a hora da morte,
Poz-se o rei a considerar
Grandezas da sua sorte,
Seus reinos á beira-mar.

Deixava um rico thesoiro,
Palacios, villas, cidades:
De nada tinha saudades,
Só d'aquelle copo d'ouro.

No castello da deveza,
Naquellas salas sem fim,
Mandou armar uma mesa
Para um ultimo festim.

Convidou, sem mais tardar.
Os seus fieis cavaleiros,
Para os brindes derradeiros
No castello á beira-mar!

Então, vasando-o d'um trago,
E com entranhada magoa,
Poz nas ondas o olhar vago
E atirou com a taça á agua.

Viu-a boiar suspendida,
'Té que as ondas a levaram:
Os olhos se lhe toldaram...
E não bebeu mais em vida.

fundado em Coimbra, por João Penha).

(Folha, N.º 1, Jan. de 1871. Pag. 6-7. Jornal

(*Continua no proximo numero*)